

O CORPO E O METAL: ENSAIO ETNOGRÁFICO ENTRE BARRAGENS DE REJEITO DE MINÉRIO*

Marília Martins Bandeira

marilia.bandeira@ufff.edu.br

Pedro Henrique Berbert de Carvalho

pedro.berbert@ufff.edu.br

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

Este ensaio etnográfico reflete criticamente sobre a relação do corpo com os resíduos de metal do rompimento da barragem da Samarco. Após imersão total em Governador Valadares, maior cidade impactada, e observação de eventos com afetados, verificamos a falta de profissionais da saúde nos debates e da consideração da dimensão corporal da vida das vítimas, apesar destas serem demandas da população.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo Humano; Saúde; Pesquisa Qualitativa.

INTRODUÇÃO

Este ensaio etnográfico é produto de pesquisa desenvolvida em Governador Valadares - GV (MG), maior cidade impactada pelo rejeito de mineração vazado da Samarco (Vale e BHP Billiton), na ruptura da barragem de Fundão. GV cresceu em torno do Rio Doce, que atualmente cruza seu perímetro urbano e é a única fonte de captação de água para abastecimento da população.

O segundo autor, vivenciou a chegada da lama de metal na cidade e a consequente interrupção das atividades acadêmicas, devido à impossibilidade de fornecimento de água potável e racionamento. O que fez esgotar os estoques de água mineral e levou doações de água aos mais carentes a cenas de saqueio.

Quando a primeira autora se mudou para a cidade, pouco menos de um ano depois dos rejeitos de minério a atravessarem, pôde observar eventos de protesto do "aniversário" da tragédia, nos quais eram demandadas informações sobre as consequências da composição da lama de metal para a saúde humana. Programas midiáticos e eventos acadêmicos locais debatiam as possíveis patologias causadas pelo contato humano com a substância. Seus entrevistados afirmavam que a população da bacia, além dos problemas imediatos de pele e respiratórios (pelo pó da substância seca), teriam risco de desenvolver cânceres e doenças neurológicas/demências, consequências da ingestão e acúmulo de metal no organismo. Mas ações para evitar tais consequências, que deveriam ser implementadas pela fundação Renova, criada pela Samarco para isto, eram muito criticadas por sua demora e criação de entraves ao reconhecimento dos impactados, alguns que se sentiam abandonados em necessidade.

* Este trabalho não obteve apoio financeiro.



OBJETIVOS

Diante de contexto de demanda local tão grave e pela insegurança nas informações e iminência de rompimento de outras barragens, o objetivo deste trabalho é refletir criticamente sobre a relação dos corpos dos humanos do Rio Doce com os resíduos vazados da mineração.

JUSTIFICATIVA

A população de GV ainda se vê insegura com o uso da água “da torneira” e confusa sobre como saber no supermercado, açougue ou feira se os alimentos não vêm de pasto irrigado diretamente com água do Rio Doce. O aumento do número de poços artesianos irregulares abertos, principalmente por agricultores familiares de pequena escala, foi notório. Mas eles clamam que pesquisadores façam análises. Além disto, Torres *et al.* (2017) alertam que metais já atingiram os lençóis freáticos e que água de poço não significa água livre de metal.

Enquanto isso, comunicações oficiais à população sobre como parte da lama de minério continua a escorrer aos poucos, por estar contida nas barragens de hidrelétricas e calha do rio, são pouco esclarecedoras. Também não há na região até hoje, três anos e meio depois, laboratórios de análise de água equipados para os tipos de investigação demandados e as amostras coletadas tem que ser mandadas para outras cidades com implicações metodológicas.

BASE TEÓRICA

Tratado como acidente pelas empresas e como crime pelos impactados, Espíndola e Guerra (2017, p. 221) optam pelo termo desastre tecnológico. Segundo eles, a expressão traz o entendimento de que o fato “resultou de opções técnicas, decisões administrativas e priorização de resultados econômico-financeiros por parte dos tomadores de decisão da Samarco/Vale/BHP”. Zhouiri (2018) prefere o termo conflito socioambiental, pois não vê a ruptura como evento isolado, mas como parte do fenômeno mineração. E propõe o termo afetados, ao invés de atingidos, com o entendimento de que as vidas destas pessoas não foram apenas tocadas, mas tiradas ou totalmente prejudicadas.

Sentimos falta na revisão de literatura, de trabalhos acerca das consequências do rejeito de minério para a saúde da população em sua dimensão corporal e da participação de profissionais da saúde nos processos de investigação sobre impactos e mitigação.

METODOLOGIA

A imersão total no campo de pesquisa nos cabe como residentes de GV e conforma oportunidade etnográfica. Por sua localização central no Rio Doce, a cidade concentra eventos, que congregam afetados de diferentes partes da Bacia e de distintos perfis, nos quais realizamos observação direta.

Além daqueles listados em Bandeira e Borges (2018), este trabalho traz problematizados registros em caderno de campo realizados durante os eventos: 7/12/17- I Seminário sobre a Qualidade da Água do Rio Doce (Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais); 19/11/18- III Seminário Integrado do Rio Doce (Univale); 10/12/18- Encontro para a formação de rede interinstitucional de pesquisas socioambientais em Governador Valadares; e 12 e 13/12/18- Seminário Técnico do Comitê Interfederativo (CIF) e do Comitê da Bacia do Rio Doce (CBH-Doce): Projetos para a Recuperação do Rio Doce e Zona Costeira.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em 2016, ao retomar o fornecimento, a prefeitura afirmava que a água captada do Rio Doce e tratada pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de GV estava própria para consumo. Mas isto era questionado por habitantes que contavam sobre como cozinhar mandioca ou lavar roupa branca com água



da torneira as deixavam com cor marrom ou sobre camada espessa de lama encontrada numa limpeza de caixa d'água. Além do Grupo Independente de Avaliação do Impacto Ambiental (GIAIA) que afirmava que, embora a água tratada avaliada no SAAE fosse considerada própria, a água coletada em diferentes pontos da cidade apresentava contaminação durante seu percurso até as torneiras (GIAIA, 2016).

Greenpeace e SOS Mata Atlântica (2016) avaliaram a água bruta do Rio Doce, um ano e meio depois do derramamento da lama de minério, entre ruim e péssima. No final de 2017, No I Seminário sobre a Qualidade da Água do Rio Doce, o SAAE-GV apresentou dados distintos do órgão de vigilância ambiental da Secretaria Estadual de Saúde. O representante do primeiro apresentou análises sobre a água tratada pelo órgão, realizados por um laboratório de Osasco (SP), com valores dentro dos parâmetros de potabilidade. O representante do segundo, mostrou análises com valores acima do permitido para coliformes fecais e metais em algumas amostras de água tratada, coletada ainda antes de sair do SAAE.

No III Seminário Integrado do Rio Doce, no final de 2018, professora de Direito que compôs mesa redonda chamou este quadro de “guerra de laudos” e afirmou que a morosidade jurídica cria um desastre dentro do desastre: o sofrimento prolongado. Ou seja, entre outros elementos como o “jogo de protelação” da Samarco em identificar vítimas e atender suas necessidades, divergências nas conclusões sobre a análise da qualidade da água realizada pelos órgãos públicos competentes deixa a população insegura sobre em quem acreditar.

No mesmo evento, engenheiro denunciou que quase todos 42 programas de compensação elaborados pela Renova precisaram ser refeitos e denunciou a revolta da população quando não tratada pela Renova/Samarco nem como “atingida”, nem como “afetada”, mas como beneficiária de suas ações. O promotor presente, explicou que isto se deu porque o ministério público não tinha participado da elaboração do primeiro termo (de ajustamento de conduta) que regia as ações de reparação e apresentou o novo, chamado Governança, que garantiria maior participação dos impactados e a escolha de assessorias técnicas de confiança dos afetados. Na mesma ocasião, ele respondeu ao nosso questionamento sobre a escassez de profissionais de saúde representados nos eventos, que o sistema de reparação é estruturado em câmaras técnicas, e há uma específica de saúde, a qual deveríamos procurar.

Após as principais universidades da região afetada terem sido convidadas pela Renova a estabelecer acordos de cooperação, pesquisadores sensíveis à repulsa das vítimas pela instituição, exigiram que a Samarco/Renova disponibilizasse os recursos destinados à pesquisa científica para reparação do Rio Doce via Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais e Espírito Santo, em edital, ao invés de estabelecer vínculos diretos, o que poderia caracterizar conflito de interesse, e foi logrado com editais lançados no final de 2018.

Entretanto, em encontro para formação de uma rede interinstitucional de pesquisa socioambiental em Governador Valadares, com intenção de concorrer aos editais, entre Univale, UFJF-GV e IFMG-GV, professor de química alertou que os valores totais disponibilizados pela Renova para captação via órgão de fomento eram muito baixos em relação ao custo de equipamentos necessários para a montagem de um laboratório de análise de qualidade de água. Professor do Direito ponderou que o novo termo de ajustamento de conduta é favorável à Samarco, na medida em que concede ainda mais prazo para executar ações que já deveriam estar concluídas, mesmo diante do não pagamento das inúmeras multas que já recebeu do IBAMA por sua não execução.

O Seminário Técnico do CIF e da CBH-Doce, onde esperávamos obter informações atualizadas sobre corpo e saúde, atrasou e a representante da câmara técnica de saúde se ausentou sem falar. Na mesma ocasião, representante da secretaria do meio ambiente do Espírito Santo apresentou trabalhos de estabilização dos rejeitos de minério nas margens do Rio Doce por revegetação, mas não soube responder à pergunta sobre qual a implicação disto, à longo prazo, para a saúde humana. Ao final do debate, uma afetada declarou: “não aguento mais ouvir que não tem estudo, que estudo não está pronto, que o estudo só será conclusivo daqui não sei quantos anos”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos eventos observados, fora de Mariana, destaca-se a falta de profissionais da saúde e discussão sobre a dimensão corporal da vida das vítimas da Samarco e das possíveis consequências objetivas da tragédia em seus organismos e quais cuidados tomar para evita-las.

Apesar de as esperanças terem sido reanimadas com o novo termo de ajustamento de conduta e a ação intensiva dos ministérios públicos em garantir mais informações e participação dos impactados nos processos de decisão sobre reparação dos danos, dia 25 de Janeiro de 2019, rompeu-se a barragem da Vale no Córrego do Feijão, em Brumadinho com mais de dez vezes o número de vítimas fatais que a do Fundão.

Ainda em meio às cenas dramáticas de bombeiros com salários atrasados afundando na lama tóxica em busca de corpos de desaparecidos transmitidas em rede nacional, alertas de risco máximo e sirenes de outras barragens tocaram e desesperaram moradores de Barão de Cocais, Itatiaiuçu, Ouro Preto e Itabira.

Avalanches de restos de minério soterrando centenas de corpos e a influência do metal dentro das centenas de milhares de corpos da Bacia do Rio Doce, nos mostram que negligenciamos por tempo demais problematizar estilos de vida tão dependentes de mineração e a regulação e fiscalização da ação das mineradoras como questão de saúde. Fica para exposição futura a pergunta: qual o papel da educação física nestas circunstâncias?

THE BODY AND METAL: ETHNOGRAPHIC ESSAY BETWEEN DAMS OF ORE REJECT

ABSTRACT

This ethnographic essay reflects on the relations between the body and metal residues leak from a ruptured dam of Samarco. After a total immersion in Governador Valadares, biggest city impacted, and observation in affected population events, we verified a lack of health professionals and mentions to the body dimension of the life of the victims, although population demands.

KEYWORDS: *Human Body; Health; Qualitative Research.*

EL CUERPO Y EL METAL: ENSAYO ETNOGRÁFICO ENTRE BARRAGENES DE REJEITO DE MINERAL

RESUMEN

Este ensayo etnográfico refleja críticamente sobre la relación del cuerpo con los residuos de metal del rompimiento de la represa de Samarco. Después de inmersión total en Governador Valadares, mayor ciudad impactada, y observación en eventos con afectados, verificamos la falta de profesionales de la salud y de menciones a la dimensión corporal de las víctimas, a pesar de demandas de la población.

PALABRAS CLAVES: *Cuerpo Humano; Salud; Investigación Cualitativa.*

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M.; BORGES, R. O lazer e a lama: o caso da maior cidade afetada pelo derramamento de minério da Samarco/Vale/BHP Billiton. In: SILVA, J. V.; SILVA, D. (orgs.). *Políticas públicas de lazer e esporte*. Campinas: Mercado das letras, 2018. p. 189-215.

ESPÍNDOLA, H.; GUERRA, C. Desastre da Samarco/Vale/BHP: uma tragédia em diferentes atos. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, n. 6, v. 4, p. 221-235, jan./dez. 2017.



GIAlA. *Resultados Determinação de Metais UnB-Ceilândia/GIAlA– Citizen Science Água Potável, Governador Valadares – MG (abril-março 2016)*. Disponível em: http://giaia.eco.br/wp-content/uploads/2016/06/AguaPotavel_GV.pdf. Acesso em: 16 mar. 2017.

SOS MATA ATLÂNTICA. *Rio Doce: o retrato da qualidade da água. Relatório Técnico 2016*. Disponível em: https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2017/03/SOSMA_Expedicao_Rio-Doce.pdf. Acesso em: 14 mar. 2017.

TORRES, J. P. *et al. Contaminação por metais pesados na água utilizada por agricultores familiares na Região do Rio Doce: Relatório final*. Março de 2017. Disponível em: http://www.greenpeace.org.br/hubfs/Campanhas/Agua_Para_Quem/documentos/greenpeace_estudo_agua_riodoce%20.pdf. Acesso em: 08 ago. 2017.

ZHOURI, A. (org.). *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Marabá: Editorial Iguana, 2018.

